

OLGA CURADO

A DESPEDIDA

AS COSTURAS FICAM
APARENTES NO AVESSO

Amostra



MINOTAURO

A despedida

Copyright © 2025 Minotauro

Minotauro é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 OLGA CURADO

ISBN: 978-65614307-39

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C976d

Curado, Olga.

A despedida: as costuras ficam aparentes no avesso/ Olga Curado. – 1. ed. – São Paulo : Minotauro, 2025.

156 p.; il.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65614307-39

1. Literatura. 2. Narrativa. 3. Autoficção. 4. Luto.
5. Memória. 6. Maternidade. 7. Morte. 8. Família. 9. Tempo.
I. Olga, Curado. II. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Autoficção / Memórias (869.93)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Produtor Editorial: Natalia Curupana



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

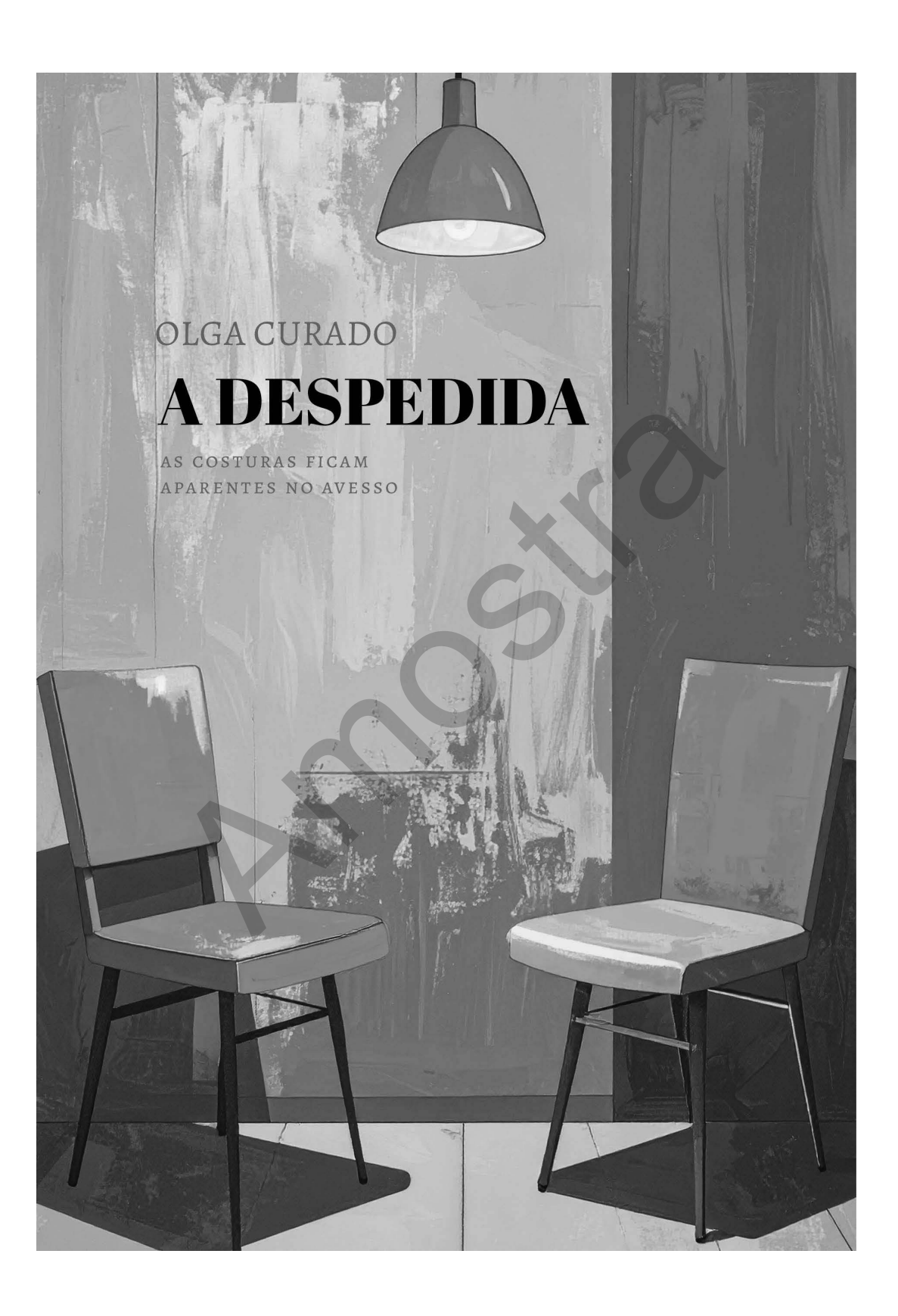
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DIREITOS REPROGRÁFICOS





OLGA CURADO

A DESPEDIDA

AS COSTURAS FICAM
APARENTES NO AVESSO

Amostra

*Eu sinto a angústia do irreversível,
a impotência do retentado, a solidão dos que jazem sobre os
mortos.*

*Eu sinto a agonia dos sufocados pelo tempo,
a saudade...*

*Eu sinto a desesperança dos encarcerados pela vida,
a lentidão das horas dos condenados.*

*Eu sinto a amargura dos que nunca amaram,
o vazio dos abandonados.*

*Eu sinto o medo dos que começam,
o desespero dos que terminam.*

*Eu sinto quieta e vagamente o bruxulear da vida.
Eu abafo, surda e mudamente, o cantarolar da vida*

— *Do que é que você se lembra quando morre a sua mãe?*

— (...)

O telefone toca.

De madrugada.

Olho a sala de soslaio. Sei de cor.

O aparelho fica ao lado da porta no final do corredor onde estão os quartos. Agora a porta é deixada aberta para que a campainha do telefone possa ser ouvida do sono mais profundo.

Sei de cor.

A casa também cheira a museu. A estante da sala expõe bonecas e bonecos pequenos, mas maiores que biscoito, lembranças de passeios, de datas que queriam ser lembradas. Uma babel de japonesinhas, gaúcho, baiana — dessas, várias — de todas as cores.

A televisão mantém-se no seu lugar de honra, meio enviesada no canto direito da parede do fundo, contígua à janela, sobre um suporte meio desengonçado em cuja prateleira guarda o controle remoto.

Rapidamente reconheço a cronologia.

As novelas são obrigatórias. Todas elas, uma a uma.

A sequência dos dramas começa no final da tarde e eles só se despedem na hora de dormir. A coluna ereta, vez ou outra, nos intervalos das propagandas, apoiando a cabeça nos joelhos, mas no mais, a postura precisa ser ereta,

espartana. O encosto do sofá é desprezado pela atenção suprema dedicada aos vilões e mocinhos e mocinhas. Quase como se quisesse também fazer parte daquelas estórias. O silêncio na sala deve ser absoluto. Permitido o respirar comedido, sem ruídos, sem opiniões.

A sala é o símbolo de um tempo que tinha passado.

O telefone toca. Eu atendo e a minha vida fica do avesso.

As costuras ficam visíveis.

Parte do caminho é percorrido com as pernas dos outros. E, também pode ser o caminho todo. O que se sabe apenas, ao final.

Enquanto não se cria musculatura e se desperta a vontade, a vontade é do outro, o ritmo, a direção é do outro. E quando o outro se cansa. Canso. Estou arriada da minha própria vida. E isso acontece sem que eu perceba. A tal da consciência embromada.

Na parede, de fundo branco, enxergo o desenho imaginado do guerreiro. Guerreiros são corajosos. Mas é só uma mosca, ou duas. Depende do jeito de olhar. Ou da coragem de olhar.

Coragem é aprendida. Ainda não, nesse instante fico arriada em mim mesma. A minha coragem (ou covardia) é a minha esperteza suficiente para sofrer e não mostrar.

Foi só um telefonema. E durou um minuto e meio. Não tenho muito pra perguntar. A resposta é uma só.

Tem a janela.

Do lado de fora, a rua está igual.

Aqui também. Aceito.

Dentro de casa, os móveis pareciam estar lá desde sempre. Podia andar pela sala de olhos fechados e não esbarrar em nada. Tudo igual desde quando vinha aí há mais de vinte anos. Um cheiro de limpeza malfeita. Aquele mofo escondido na aparência de espanado grosseiramente ou pelo serviço feito com pano meio molhado.

Não preciso me preocupar com nada. Tudo no seu lugar. Onde deveria estar, mas não onde eu colocaria. Tenho ideias e surtos de reorganização sempre que ando por algum espaço conhecido. Nos lugares por onde nunca passei, as coisas pareciam pertencer onde estavam. Mas era só me familiarizar um pouco que só via o desarranjo. Talvez, por isso, era contratada para consertar, para ver diferente o que estava igual.

Tenho muitas receitas. Um jeito de rearrumar a vida do que precisa encontrar o que melhorar. Mas, melhorar para o quê? Melhorar para ser mais eficiente, talvez, ninguém nunca me pergunte o que fazer, se preciso, para ser mais feliz.

Vou delirando para me distrair. Olhar de longe para aqui e agora.

Fico na minha história escondida que não quero dividir, e aliviada quando aparece alguém para apontar soluções para problemas inexistentes.

Eu me lembro. E vejo de onde aprendi a queixar. Do medo ao desconhecido, ao medo do conhecido; da angústia da dor vivida à ansiedade para controlar a intensidade das novas dores.

Sofro. Rapidamente. Tenho uma razão pra isso.

Paro automaticamente para escutar. Apenas para me distrair. O latido de um cachorro. Adivinho. Não é um cão de guarda. Desiste logo. Penso nos que não desistem. Aqueles que ladram até que a vizinhança socorra o assaltante.

Ainda seguro o telefone. Engraçado ele. Nos museus tem iguais. E não faz tempo que eram modernos. O que é tanto tempo. Tanto tempo é ontem, um mês, vinte anos? É o tempo do alcance da memória. O tempo é curto.

Não posso me distrair. Tenho que agir. Mas, me perco nas cenas difusas do que não teria acontecido — há cem anos? Ou foi antes, ontem, na semana passada, que entrei correndo pela sala com a novidade do dia.

Surpreendo a nesga de céu pela janela — tem um resto de noite, uma madrugada insensata, um rastro vermelho. Vai fazer sol, pensei.

A água do chuveiro me acorda para a sensação da água caindo sobre o meu corpo. Estou exausta. O sono foi parado no meio, quando eu começava a sumir. Tem sonhos que se repetem sempre. Estava sonhando um deles. Não me lembro.

Água meio morna — queria que estivesse mais quente, mas o chuveiro não consegue. Instalação malfeita — tem fios prontos para um curto-circuito. Estou longe de mim. O que estou fazendo aqui mesmo. Ah sim, tomando um banho para acabar já. Devo estar pronta para ir.

A hora é essa. Do galo. Foi o que pensei quando ouvi de longe. Um esgoelar de algum bicho que teria perdido a noção do tempo. Despertar para quê? Cadê o cachorro?

Ah, de novo, estou no banho e a água me cobre aos pedaços. Ducha fraca. Morna. Não gosto das veias saltadas das mãos. Sempre assim.

Antes e depois. Passado e futuro. Estou longe do que sinto agora. Não quero estar agora. Uma anestesia. Os acontecimentos estão em outro lugar e eu estou longe. Há apenas alguns minutos, o telefone tocou.

É preciso viver longamente, uma vida inteira para se compreender uma vida. E nem sempre basta.

Antônio chegou e me deu um beijo. Daqueles beijos de amigos que disfarçam outra intenção. Aproveitei.

A nossa convivência longa, de anos atrás, era entrecortada por longos períodos de silêncio sem que soubéssemos um do outro. E não era preciso.

Mas cada vez que a chamada tinha voz dele, era um sopro de juventude, de aventuras dissimuladas em responsabilidades compartilhadas de trabalho. Éramos ambos sérios no que fazíamos, sérios demais. Dividíamos a mesma mesa, com a idêntica disposição, o mundo dependia de nós. Do que fazíamos — e era preciso fazer bem, rapidamente, à frente de todos.

Ele me puxou para o lado e contou. Não estava mais com ela. Não funcionava. Não dava certo. Foram anos bons, bons, mas não eram mais anos bons. Os filhos estavam crescidos e gostava do burburinho de hotel. Morava agora em um deles. Tinha café da manhã até às 11h. À noite, quando tinha medo de alma, era só descer e no saguão havia gente chegando ou saindo. Isso espantava o medo dos fantasmas, tinha certeza de que cercavam quando estava sozinho. (Acho que eram fantasmas da solidão.)

Antônio tinha medo de alma, como dizia. E sabia que não fazia o menor sentido ter medo de alma. Mas tinha medo assim mesmo. Não gostava de ficar sozinho quando acordava no meio da noite. Talvez por isso o casamento tenha durado tanto. Até que descobriu, quando acordava no meio da noite, que estava sozinho e as almas vinham persegui-lo e não sabia como se livrar delas, com medo. Não rezava. Deixou de ser padre quando deixou o seminário. Mas os anos de quase padre lhe valeram a astúcia de quem induz o outro a se confessar. Fez disso um ofício. Todos se confessavam a ele e ele publicava com as tintas de um talento rude o que ouvia, e se alegrava com as histórias que contava e recontava com malícia na fala. Impossível não rir. Aproveitava. Mesmo quando não era para rir. Aproveitava. Para ouvir, contar de novo, e de novo. Com a piscadela e o gozo de quem saboreia um malfeito de poucas consequências. Um repórter indecente, porque não se importava com heróis ou vilões, ou vítimas, gostava das aventuras e das armadilhas das histórias.

Ele me beijou. Eu aproveitei. Estava noite e o jantar ainda ia começar. Havia tempo para aproveitar. Talvez até tempo para confissões.

E elas vieram.

Com saudades de viver juntos uma ventura juvenil no espírito —aqueles devaneios que os jovens têm, antecipando gestos mágicos, até de uma entrega

feroz e dilacerante, num desesperado sacrifício, pessoal e inadiável, e assim mudar o eixo do mundo. Mas envelhecemos. Na força de nos entregar e na disposição de nos jogarmos às feras, nos terrenos malditos das injustiças completamente inaceitáveis.

Repassamos no couvert o presente. Muito pouco que interessa. O que vale a pena é o que foi vivido — entre nós, por nós — imaginando o que fosse para o outro. Mas o passado se esgota logo. Não são muitas as memórias que sobrevivem às expectativas do futuro e ao desejo de ter uma vida infinita, como se todos os planos coubessem nela.

Antônio segura a minha mão, que deixei perto do pratinho de azeitonas. O gesto dele é do amigo que invade a amizade com outra intenção. Aproveito. Também eu quero descobrir como é a pele que me toca, com coragem de rever nossas conversas antigas, de um outro jeito. Aproveito.

No meu corpo, a mão dele deslizando macia sobre a minha mão largada e disponível sem vergonha sobre a mesa.

Somos assim então? Tinha vontade de perguntar, mas não perguntei. Só queria aproveitar. Entender o que foi, nunca foi ou poderia ter sido, não tem serventia. Não tinha serventia. Ele ri. Zomba da minha perplexidade mal disfarçada. Estava aí o desejo antes? É difícil saber. Não precisa. Anos, quase contados em décadas de abraços e tapas nas costas, de cenários comuns, numa confiança desavergonhada de quem fala sem pensar.

De que matéria é feita a amizade se não dessa falta de consciência de si, numa revelação sem pejo do que se sente, pensa e quer. Mesmo sabendo nada do que se pensa desejar, do que se sabe. A construção de uma história em comum, uma história comum de confidências sem ares secretíssimos, apenas a entrega sem medida.

A minha mão sobre a mesa estava dormente. Ela ansiava, de início, pela azeitona que ficou no pratinho enquanto a minha mão era acarinhada, como nunca. Mas nem mesmo o afeto despudorado e delicado pode fazer voltar a circulação, então me mexi, com cuidado para não afastar ou mostrar rejeição. A intimidade de anos poderia ameaçar o que estava acontecendo ali, antes de começar o jantar.

Eu ri. Um riso encabulado de quem se sabe elogiada e admirada, e amada, sem se dar conta de merecimento. E era um elogio o afago que precisei acomodar. A minha mão então, livre da imobilidade imprevista, saltou na direção da mão dele, que a encontrou a meio de caminho. Era uma liberdade poder apenas sentir e sentir junto.

Antônio se levanta, cuidando para que a minha mão na dele permaneça e cruza com o corpo à mesa e me beija. E eu o beijo ao mesmo tempo. A magia da amizade congelada no dia a dia de trabalho e de camaradagem espiava incrédula. Até que fomos buscar a memória dos afetos. O carinho já estava lá.

Eu resfôlego tentando expulsar o ar dos pulmões. Mas há uma barreira que não permite a passagem do ar. Tento quase relinchando, uivando num semi torpor que a dor do inalcançável provoca. O ar que não se troca. Sufocando, sem forças, dominada pela doença infame dos livros de Dickens, em que a infâmia da pobreza se mistura com a face caquética dos asmáticos em porões úmidos e sombrios e aí adormecem para sempre.

Uma lembrança que decerto não pertence à obra do artista, mas pelas imagens construídas na minha própria mente que desenho como cenário das histórias, rios de esgotos abertos nas ruas, multidões de farrapos humanos nas feiras, suplicantes e desmazelados, mendicantes malcheirosos e cobertos de úlceras. É do que se vale a minha mente para me igualar ao sofrimento do mundo que desconheço, mas que pressinto pela dor da compressão das minhas costelas que me açoitam por dentro, clamando para que os meus pulmões bombeiem ar, para que eu viva, antes que exploda.

A dor do indizível. Do que poderia ser diferente. E nem posso chorar. Não há o que chorar. A asma é minha.

É tudo rápido. Entre abrir e fechar os olhos, na piscada no intervalo das notas de uma campainha do despertador. Agora aqui, agora lá. Sem a posse, sem posses, como um sonho em que recoberta de joias, despertasse nua.

É uma vertigem olhar-se despencando da vitalidade para o quase nada. A ponte que cruza o abismo balança imperceptivelmente. E é preciso menos que um vento, uma aragem para que se desprenda, apenas pelo nosso próprio peso.

Ao longo da infância, atormentava-me o ar rarefeito. Como se estivesse quase sempre mergulhada em águas que não me permitiam boiar. Rompia abruptamente com a determinação da doença, ajudada por remédios de todos os tipos, por superstições, por promessas, por romarias em credos variados aos quais era levada como são conduzidos os anjos de procissão — sem direito a uma recusa, enfeitando a marcha.

Haveria de passar. Sem dúvida. Haveria de acabar ou acabaria eu. Essa era a promessa. E eu cria, desconfiada, apenas para não trazer pesar aos quais confiava — mãe, pai, avós e conhecidos condoídos — tão pequeno corpo, tão imensa provação — podia ler-lhes nos olhos. E eu me comovia com a comoção. Haveria de derrotar a doença apenas para não ter que conviver com a comiserção.

Mas, ainda que estivesse determinada, mais teimosa é a doença. E me toma, nesse dia, de surpresa, com uma violência inaudita. Sou jogada por ela de um lado a outro sem encontrar repouso em qualquer posição. Parece fazer de propósito, testar a juventude que ainda não desabrochou e quer conter, porque muito há sido dito, que nesta fase da vida perde, a doença, o poder. Resta-lhe então as poucas estações que me separam da puberdade para mostrar quem é que pode!

E ela vem afoita. Impulsiva. O ataque — é assim que se aproxima — é violento, insidioso.

Quantos não estariam nesse abismo profundo onde me encontro agora? E isso pouco importa. O desespero é egoísta. Olha para si e apenas o próprio medo interessa. A possibilidade de alguém no quarto ao lado sucumbir em mazelas mais dilacerantes, pouco importa. Que não eu, que apenas eu, e só

eu mesma interessa à vida. A confusão mental possivelmente — é uma boa desculpa — aturimento do monóxido de carbono que entorpece.

O meu corpo é mínimo diante do tamanho da fragilidade que experimento. Nesse oco de explicações, encontro-me só. A dimensão humana que organiza em esferas diversas a própria humanidade se junta no banal do corpo. O templo da vida. E ele vai se diluindo na incerteza do instante seguinte.

Agora, passado o tempo do presente, a reflexão sobre a experiência remota, trazida à consciência por um novo repertório de palavras aprendidas, desconhecidas então, reacende as sensações. Mas, a sedução do conhecimento em instante algum sobrevive ao estupor da morte irremediável. Assim me sinto, olhando lá atrás. É a agonia que conduz o pensamento. Depois vem o lustro do aprendizado, do vocabulário. Por enquanto, neste momento, é apenas e tão somente a egoísta batalha pela vida.

Na cama do hospital, entre precários tubos que levam o oxigênio aos meus pulmões, semi adormeço. Pelo cansaço da luta, avizinha-se a trégua. Um consolo ver que não foram infrutíferos os estertores, os ganidos, que ameaçam quem antes oprimia. A força do socorro da farmácia, sim, da medicina. E são os médicos que se prostram ao meu lado num esforço mal dissimulado de terror pelo olhar do próximo, inesperado, desenlace pressentido.

Sou socorrida quando já o coração se rende à inépcia do pulmão, dos brônquios combalidos. Sigo distante de mim mesma a refrega e me consolo com o que estará diante de mim, sem medo. O cansaço, mais que qualquer desencanto nos faz esquivar da vida. É a desistência inapelável pela falta do que nos sustenta, a própria força, o esgotamento do esforço, que contém a vida. O cansaço nos esvai de nós mesmos. É a tristeza do corpo drenado da sua vocação de ir e vir, de correr, saltar, de usufruir-se no outro. De ser corpo.

Eu me mexo entre os lençóis, agora menos rarefeita, porém, o bem-estar vai se confundindo com um torpor, uma moleza, um largar-me, e as vezes que estavam perto ficam distantes. O olhar que via agora só reconhece sombras. O meu corpo pesa, languido, jogado como se dele agora eu

prescindisse. E, experimento um outro desconhecido bem-estar. Aquele de não ser mais. Mesmo quando sou sacudida, amassada, perfurada com agulhas, isso acontece longe, em outros espaços, e de lá observo uma outra agonia — o sofrimento do outro, o desespero do fracasso. E eu a tudo assisto e subitamente detenho o poder de alterar a dor que enxergo nas mãos trêmulas dos médicos que me assistem, aterrorizados com a própria impotência. Eu tenho a vida, a minha vida, e dissimuladamente, como se fora por aqueles reconduzida, retomo-me.

Nem uma vida inteira, vivida inteiramente, pode explicar a vida.

Há sequências na vida — quantas vezes vou repetir essa palavra — vida, vida, vida — como se fizesse sentido para disfarçar o que enxergo — que se assemelham às simulações da morte. E nos confundimos com esses sinais ambíguos. De onde vem a vida afinal? Que pensamento de filósofo amador é esse, apenas para me distrair do imediato. Encarar de olhos arregalados e as mais dispostas: o que tem aí pra mim doutor? Qual a notícia? Uma pergunta que eu me faria a vida inteira. O que tem aí pra mim? E a resposta vaga apenas servia para me dar uma pista. Descubra o que tem aí pra você menina.

Tem na esquina que se dobra o que se vai buscar. O que é possível enxergar. Daí tantos tropeços. Eu rio para mim mesma e tiro discretamente o sapato para olhar a unha do dedão aos poucos encravando.

Foi assim. Igualmente de repente. Como na canção — inesperado faz uma surpresa — uma redundância em busca da melodia...

O sangue escorre perna abaixo, denuncia, de perto, o que pode ser visto de longe. Os peitos pequenos arrebitados, pressionando a blusa que fazia de

conta nada perceber, afrouxando-se, a curva da bunda e a cintura entrando pelas costelas, um jeito meio safado — e inconsciente — de andar, e acima de tudo a preguiça de correr, pular e brincar com bolas de gude, chicotinhos queimados, corridas e circo. Os meninos pareciam um pouco mais atraentes, quando ainda não o eram — as vozes desafinavam, as pernas compridas demais, a cara sem um jeito definido de ser ou não ser homem. Mas valia a pena chegar perto só para sentir como são, e como seriam mais de perto ainda.

Quando nasce uma, morre a outra. Mas essa morte é vagarosa para quem não a vive. É atordoante para quem a experimenta. De um estágio a outro, abruptamente, quando o sangue escorre lentamente, e quando vaza pela calcinha ou faz uma nódoa no vestido. Branco não pode mais, devem ser de cores que disfarcem que agora é mulher.

É a tal crônica da morte anunciada. Arremedada bastante antes. Mas vem a anunciação sem cerimônia, sem benção. Sem magia. Apenas vedações para os desfrutes da meninice. Menos liberdade para saltar, correr, a qualquer hora. Haveria, a partir de já, e isso é avisado em pormenores, cuidados não precedentes de sentar-se com as pernas fechadas — bem fechadas —, de vestir de acordo, de falar também como mulher feita. E mulher feita é o que se é. Pode-se ficar grávida. Antes, não podia. Nem por milagre. Agora, o sangue que escorre pelas pernas é alimento, antes não havia.

As restrições dos movimentos também se estendem à piscina, à montaria dos cavalos, às bicicletas.

Ser mulher não é uma conquista, é um sacrifício e esse sacrifício vai ser pela vida afora. Um aprendizado de submissão à natureza, e não de gozo da natureza. A plenitude é a dor, a limitação do que poderia fazer e não será feito, porque o sangue pode lhe escorrer pelas pernas. É o que significa menstruação. Palavra para não ser dita em público, na frente dos meninos. Eles sabem o que, sabem, mas fazem de conta, coisa incompreensível de mulher. Tabu ou mistério.

A descoberta dos tampões é fascinante. Prometem, se tiver paciência e colocar direito — encaixe perfeito e vedação total —, liberdade para os quadris reboarem sem susto, para correr sem medo, para usar o branco na

saia, na calça, saltar na piscina sem deixar borrões na água, andar por aí como se não fosse pecado ser mulher.

Experimento a sensação. Sou um ente divino com poderes novos — de sedução. Reconheço pelas caras que se viram na minha direção. Nos assovios quando passo requebrando — porque bundas se mexem seguindo a sua vocação de ir de um lado a outro sem perguntar — produzindo misteriosos movimentos de esquentar e esfriar com desejos indefinidos, uma vontade danada de também tocar aquele outro. Aos poucos vou escondendo na caixa de memória o destempero das gritarias ingênuas do pique-esconde.

E tem pedágio para o desejo que surge.

A vigilância, de olhos bem abertos e de adivinhações de mãe e pai para que nada aconteça, nesses descaminhos da puberdade tem regras indiscutíveis de horas, tarefas, de obrigações que se sucedem para que o corpo seja deixado de lado nas suas necessidades, anseios e buscas. Que não fascine, não ouse, nas curvas e movimentos.

Mas o corpo não se resigna. Vai, por conta própria, vasculhando as suas dobras e trazendo para a pele, para os ossos o prazer proibido, em silêncio. O pecado do prazer, misturado à indiferença do desejo que não pode aparecer na sala, cria o mistério de ser mulher. Mas isso não passa despercebido, e os meninos, meio rapazes, sentem o cheiro e se aproximam. E querem também desfrutar do segredo de serem eles também homens a caminho.

O desejo não tem fantasia, tem apenas a si. E toma posse do corpo. E deixa que o surto perca a si mesmo em suas liberdades consentidas. E vai apenas por si.

Nem é preciso viver toda a adolescência para ser mulher.

A cronologia da infância. Do primeiro homem com as promessas que não se cumprem. Nem por isso inconfessas.

Ele fica meio recostado no sofá e eu salto sobre a sua barriga. Enorme. E a barriga sobe e desce no ritmo de um balanço em que eu fantasio um parque de diversões. Até que ele pretende estar morto. Cansado. E eu queria apenas que revivesse mais e mais, e me jogasse para o alto e me catasse antes que eu caísse no chão, sentindo a vertigem do perigo e a alegria de ter sobrevivido a ele.

Meu pai era enorme de onde eu via, pequena, de olhos tão arregalados que conseguia enxergar ele inteiro, os seus cabelos, as suas mãos, as suas costas quando sai devagar e vai embora como se estivesse chegando, suspeitando que tudo estava bem, ou apenas como deixara.

Meu pai, nesses dias de sofá, era o meu parque de diversão. Um parque que foi ficando pequeno e sem espaço na minha vida, porque aquelas brincadeiras eram ingênuas demais para extasiar. Já me preparando para perder o fôlego.

Chegou manso e determinado. Tinha uma certa pose de quem se sabe. Mas não prestei muita atenção no homem. Estava absorta na obrigação.

Tem um mundo no outro lado do mundo. Lá, na linha do trópico, parece distante das possibilidades da gente de cá, do sul. Eu estava lá, testemunhando que a decisão de construir a estrada nova para romper a impossibilidade de ir e vir nas imensas distâncias era pra valer. Tratava-se de um desses seminários com muitos números, imagens feitas no computador, de uma realidade inexistente. Eu estava lá vendo e anotando. A trabalho, uma repórter a serviço da verdade. Embora a verdade fosse apenas uma intenção política para ganhar espaço na mídia. Não tinha consciência disso. Era um fato. E um fato a gente, como jornalista, conta, reporta.

O projeto comemorado era o de construir a estrada que iria ligar aquele ponto do planeta a um outro longínquo, esgarçando as terras conquistadas e abandonadas, e fazer do percurso dos trens uma romaria de riquezas.

Promessa do político que se avistava ainda mais distante. Talvez no tablado destinado à presidente da República. Passaporte e tanto esse.

A cena do evento era própria para o anúncio da obra gigantesca. Folhetos, cartazes, luzes apropriadas e gente andando de um lado a outro. A agitação imprescindível para que o anúncio fosse tratado como sendo realização de peso. E eu estava lá para ouvir e contar. Ocupada com a visão do futuro já.

Ele estava lá. Eu o encontrei nesse acaso. Um acaso pré-estabelecido na agenda de trabalho. Do outro lado da sala, na penumbra por conta da projeção que estava acontecendo na tela, ele me olhava de banda, alguém viu, eu não percebi. Esse sonambulismo que me acompanha quando tenho que ficar acordada e me prevenir. Viver o perigo exige sonolência. Mas ele não parecia incomodado com a minha indiferença. Que era pura ignorância.

Foram dois ou três jantares, alguns sucos, dois coffee breaks — os intervalos entre uma coisa e outra —, e não mais que três dias de conversa sobre arquitetura da cidade, sujeira da cidade, preguiça da cidade, das pessoas que se acomodam sob a sombra dos casarios e não capinam a erva daninha que esconde a beleza dos sobrados. E não limpam as calçadas. É o torpor dos trópicos, talvez o sentimento de que só vale a pena o que estiver novinho em folha, que a história é o registro dos desencantos e de glórias que não nos pertencem mais.

A São Luiz não se incomoda com as análises pessimistas dessa gente do sul acostumada com esgotos por baixo da terra, serviço rápido e pele clara. Tinha sobre si já dores demais da escravidão pulsante no jeito de andar vagaroso de quem descansa pelos ancestrais torturados. Ele conversava sem pressa, parecia ter todo o tempo do mundo para me escutar. Eu, desconfiada, tinha muito pouco para falar. Ouvia com recato e alguma impaciência contida as estórias que não conhecia e pelas quais o interesse era pouco. Olhava o cabelo, a pele, os gestos quase aristocráticos, a camisa bem cortada — a gravata italiana — coisa que só descobri depois. Naquele dia de tanta grandiosidade, desprezar-se um pouco em conversa mole parecia ser a alternativa menos saudável, além de uma caipirinha com frutas exóticas da terra. E foi assim a conversa daquele encontro. Quem sabe mais, um outro dia.

Não esperava um outro dia, dia nenhum. A memória silencia quando não tem sensações que a despertem ou alegrias que sacudam. Fica tudo guardado no formato de lembranças, sem etiquetas daquilo vivido sem esforço, só com o gasto necessário de energia para superar a hora. E tinha sido assim.

E o telefone tocou.

Quem era mesmo? O nome não dizia muita coisa. O colega insiste. Telefone para você um tal A.

Precisava me recompor e me voltar para o evento da ferrovia, que saiu do papel apenas para os jornais. Quem era quem mesmo? Ah, sim, o homem simpático e cortês, nem tão jovem que pudesse ser chamado de jovem e tampouco velho para ser tratado com deferência.

A conversa veio sem um gancho. Olá, olá.

Ele estava à vontade para continuar a conversa de semanas atrás. Uma conversa tola, cujo sentido estava preso apenas na expectativa de um outro assunto. Ganhando tempo e veio o convite. Aceito, claro, pela circunstância do convite. Assim, sem saber o que falar. Nem sim, nem não. Tanto faz. Nada a fazer. Se é assim, as coisas vão se fazendo, seguindo a própria inércia do desejo de um que não se incomoda muito com a vontade do outro. Age na surpresa. Disso eu também entendia, e era o feitiço contra a feiticeira. Só vi depois.

E foi assim. Naquele momento.

Atendi o telefone e fui ao seu encontro.